

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Abud, Kátia Maria

Ensino de história / Kátia Maria Abud, André Chaves de
Melo Silva, Ronaldo Cardoso Alves. - São Paulo : Cengage
Learning, 2010. - (Coleção ideias em ação / coordenadora
Anna Maria Pessoa de Carvalho)

Bibliografia.

ISBN 978-85-221-0712-4

1. História - Estudo e ensino I. Silva, André Chaves
de Melo. II. Alves, Ronaldo Cardoso. III. Carvalho, Anna
Maria Pessoa de. IV. Título. V. Série.

09-12661

CDD-910.7

Índice para catálogo sistemático:

1. História : Estudo e ensino 910.7

COLEÇÃO IDEIAS EM AÇÃO

*Para Dislane,
companheira mais
degarada, com a
esperança de conviver
la definitivamente.
Com muito abraço,
Kátia*

Ensino de História

Kátia Maria Abud
André Chaves de Melo Silva
Ronaldo Cardoso Alves

Coordenadora da Coleção
Anna Maria Pessoa de Carvalho

 CENGAGE
Learning

Austrália • Brasil • Japão • Coreia • México • Cingapura • Espanha • Reino Unido • Estados Unidos

*A amiga Dislane,
Obrigado pelo goio,
amizade e auxilio
no ato de repletir
sobre a educação!
C. Alves
06/2010*

*A Minha Amiga
Dislane,
Grande Professora
e Intellectual
Um abraço
André
09/06/2010*

Histórica. Educação Histórica e Museus. Braga: Universidade do Minho, Centro de Estudos em Educação e Psicologia, 2003.

BOLLE, Willie. Cultura, patrimônio e preservação. In: ARANTES, Antonio Augusto. (Org.). *Produzindo o passado*. São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 7-23.

BRECHT, Bertold. Perguntas de um trabalhador que lê. In: BRECHT, Bertold. *Poemas: 1913-1956*. 5. ed. Seleção e tradução: Paulo César de Souza, São Paulo: 34, 2000.

CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo (orgs). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 401-17.

GOSCINNY, Sempé. O museu de pinturas. In: *O pequeno Nicolau*. São Paulo: Martins Fontes, 1991 (Paris, 1960).

HIRATA, Elaine et al. Arqueologia, educação e museu: o objeto enquanto instrumentalização do conhecimento. *Dédalo*, São Paulo, n. 27, p. 11-46, 1989.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: *História e memória*. Campinas: Unicamp, 1992.

MUSEU PAULISTA. Do teatro da memória ao laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico. *Anais do Museu Paulista*. v. 2, jan./dez. 1994; v. 3, jan./dez. 1995, São Paulo (Nova Série).

MUSEU PAULISTA. *Como explorar um museu histórico*. São Paulo: Museu Paulista da USP, 1991.

NAKOU, Irene. Exploração do pensamento histórico dos jovens em ambiente de museu. *Actas das Segundas Jornadas Internacionais de Educação Histórica*. Educação Histórica e Museus. Braga: Universidade do Minho, Centro de Estudos em Educação e Psicologia, 2003.

OLIVEIRA, Cecília Helena de Salles. *Museu Paulista: novas leituras*. São Paulo: Museu Paulista da USP, 1992.

POMIAN, Krzysztof. *Coleção*. In: Enciclopédia Einaudi. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1984. v. 1, p. 51-86.

RIZZI, Maria Cristina S. L. Além do artefato: apreciação em museus e exposições. *Revista do MAE*, São Paulo, n. 8, p. 215-20, 1998.

SUANNO, Marlene. *O que é museu?* São Paulo: Brasiliense, 1986.

CAPÍTULO 9

Fotografia e ensino de História

Questão para reflexão

A fotografia é uma rica fonte de informações para a reconstituição do passado, ainda que sua utilização também possa comportar a constituição de ficções. A diferença entre um ato ou processo e outro depende de diferentes fatores. No primeiro caso, varia dependendo das questões feitas pelos historiadores em suas pesquisas; no segundo, é consequência direta dos objetivos que levaram à sua produção, como as fotonovelas, muitas populares até pouco tempo atrás, ou as fotografias publicitárias.

Entretanto, isso não significa que as fotografias utilizadas para a constituição de ficções não possam ser utilizadas, com o passar do tempo, nas pesquisas historiográficas, como documentos ou registros que podem contribuir para lançar luz sobre determinada época, com suas formas de relacionamentos sociais, representações e significados, incluindo suas influências na constituição da memória.

Da mesma forma que o historiador, o professor, como agente fundamental na construção do conhecimento escolar, também pode utilizar a fotografia como um poderoso instrumento de desenvolvimento do conhecimento histórico de seus alunos.

Ainda que haja semelhanças com relação ao uso da pintura como documento histórico, especialmente dos retratos e das gravuras, a utilização da fotografia, tanto na pesquisa historiográfica quanto na sala de aula, precisa levar em conta, mesmo quando trabalhamos com uma produção ficcional (uma montagem publicitária, por exemplo), que se trata de um recorte, do “congelamento” de um instante que existiu no passado. Para que pesquisadores, alunos e professores possam compreender as imagens registradas pelas fotografias (as situações em que foram produzidas e as intenções dos fotógrafos), as informações não são dadas pelas imagens, mas, sim, pelos textos, pelas informações que as acompanham na forma de explicações, legendas, entre outros elementos. Essas informações permitem a compreensão do contexto histórico em que as imagens foram criadas; dessa forma, é possível entender as transformações, permanências, enfim, a dinâmica social da época.

Mesmo que não seja uma regra, dada a variabilidade ficcional, a fotografia, principalmente a jornalística, congela um instante do passado, ainda que selecionado pelo fotógrafo (autor ou artista dessa nova forma de arte), diferente da pintura, que é criação ou representação pura. Segundo Saliba (1999, p. 4)

Ao contrário do que se costuma dizer, a “imagem não fala... por si só”. Penso aqui nas imagens cruas, sem nenhum comentário ou legenda. Tais imagens podem interessar, impressionar, seduzir, comover e apaixonar, mas não podem informar. O que nos informa são as palavras.

Nesse sentido, a fotografia aproxima-se do cinema, cuja produção nunca nenhum governo, classe social ou poder conseguiu dominar totalmente. Ângulos de câmera, recortes mais abertos ou fechados, tons, luminosidade fazem parte das construções fotográfica e cinematográfica, ainda que ambas se diferenciem em um aspecto fundamental que altera toda sua linguagem e teia de significados: ao passo que o cinema é constituído por imagens em movimento, a fotografia se mantém no campo das imagens fixas.

Contudo, cinema e fotografia são formas diferentes de documentos, que podem ser usados na pesquisa histórica e na construção do conhecimento escolar. Diante dessas considerações, trabalharemos ao longo deste capítulo com a seguinte questão: Como utilizar a fotografia no ensino de História? A resposta, como veremos, começa com a escolha de eixos temáticos que permitam organizar o trabalho em sala de aula.

Teoria e aspectos metodológicos

A escolha de um eixo temático é o primeiro passo para a realização de um bom trabalho educativo por meio da História. O eixo precisa ser uma temática forte, que permita a relação com outros processos envolvidos nas causas das mudanças históricas. Trabalho, urbanização, industrialização, imigração são eixos temáticos importantes para a compreensão da História, pois estão interligados e nos permitem trabalhar com questões culturais e políticas.

Ao eleger um eixo, o professor precisa levar em consideração o projeto da escola; além disso, é preciso certificar-se de que o eixo está adequado aos conteúdos mínimos e atende a cronologia que será trabalhada em sala de aula, ainda que os eventos históricos não precisem ser abordados de forma linear.

A utilização de fotografias na pesquisa e no ensino precisa considerar que uma imagem fotográfica tem múltiplas faces e realidades. Claro que há aquela mais evidente por ser visível, o instante congelado. Entretanto, há as outras, ocultas, que podemos intuir ou procurar nas situações, lugares e pessoas retratadas e, se possível, na trajetória de quem fez a fotografia (passo que, normalmente, é mais difícil). Segundo Kossoy (1998, p. 42):

Quando apreciamos determinadas fotografias nos vemos, quase sem perceber, mergulhando no seu conteúdo e imaginando a trama dos fatos e as circunstâncias que envolveram o assunto ou a própria representação (o documento

fotográfico) no contexto em que foi produzido: trata-se de um exercício mental de reconstituição quase que intuitivo.

Fotografia confunde-se com memória, sobretudo com a familiar e a coletiva, na medida em que a imagem fornece visibilidade e “veracidade” ao passado, ainda que o simples ato de um indivíduo rememorar seu passado por meio dos álbuns de família implique criar realidades, com elementos imaginativos e de interpretação que sempre sofrem alterações a cada visita às fotografias.

Entretanto, apesar da subjetividade dos atos individuais, imagens fotográficas de outras épocas são fundamentais quando analisadas sistematicamente para a reconstituição histórica dos cenários, das memórias de vida (individuais e coletivas) e de fatos do passado (Kossoy, 1998). Apesar disso, devemos sempre levar em consideração que:

A reconstituição por meio da fotografia não se esgota na competente análise iconográfica. Esta é apenas a tarefa primeira do historiador que se utiliza das fontes plásticas. A reconstituição de um tema determinado do passado, por meio da fotografia ou de um conjunto de fotografias, requer uma sucessão de construções imaginárias (Kossoy, 1998, p. 42-3).

Para a reconstituição histórica que extrapole os elementos plásticos da imagem fotográfica é necessário, portanto, o uso do texto, da pesquisa de fontes documentais, incluindo relatos orais obtidos por meio de entrevistas, informações que permitem reconstituições históricas mais amplas.

Se esses procedimentos precisam considerados na pesquisa historiográfica, o mesmo vale para a produção do conhecimento escolar, em que a participação do professor na realização da pesquisa prévia e na condução do processo é fundamental.

Ao pensarmos nessas questões, também precisamos considerar que há um condicionamento geral traduzido na certeza de que a fotografia é uma prova irrefutável da verdade histórica, sinônimo da realidade passada, que traduz um consenso social. De fato, a foto nos traz

um indício gravado de que algo aconteceu. No entanto, toda fotografia é uma representação da realidade elaborada com base em valores culturais e estéticos de seu autor, cuja aplicação varia conforme as técnicas disponíveis (luz, lentes, ângulos de câmeras, entre outras) e, como tal, não pode ser entendida em sua totalidade se não for vinculada à compreensão de seu processo de construção (Kossoy, 1998, p. 43):

Esta incursão hermenêutica, multidisciplinar, passa justamente pela “desmontagem” do processo de construção que teve o fotógrafo ao elaborar uma foto, pelo eventual uso ou aplicação que esta imagem teve por terceiros e, finalmente, pelas “leituras” que dela fazem os receptores ao longo do tempo. Nessas várias etapas da trajetória da imagem, ela foi objeto de uma sucessão de construções mentais interpretativas por parte dos receptores, os quais lhe atribuíram determinados significados, conforme a ideologia de cada momento. (...) É a nossa imaginação e conhecimento operando na tarefa de reconstituição daquilo que foi. Situamo-nos, finalmente, além do registro, além do documental, no nível iconológico: o iconográfico carregado de sentido. É este o ponto de chegada.

Para tanto, cabe aos pesquisadores, professores e alunos, mergulhados nas “realidades” registradas nas imagens fotográficas, situá-las em seus tempos e espaços, tentando compreender seus elos perdidos nas cadeias de fatos. Isso é possível apenas se soubermos como questionar, o que perguntar, ainda que esse ato também seja subjetivo, na medida em que depende de seus conjuntos de crenças, valores, mitos e convicções. Daí a importância da escolha de eixos temáticos norteadores do trabalho, dos quais depende a seleção das fotografias que serão utilizadas nas pesquisas e na construção do conhecimento histórico, seja acadêmico, seja escolar:

Será no oculto da imagem fotográfica, nos atos e circunstâncias à sua volta, na própria forma como foi empregada que, talvez, poderemos encontrar a senha para decifrar seu significado. Resgatando o ausente da imagem compreendemos o sentido do aparente, sua face visível (Kossoy, 1998, p. 44).

Outro aspecto metodológico fundamental é a preparação prévia que o professor deve fazer com seus alunos. Após a exposição do tema, da atividade e, se necessário, da realização de alguma leitura prévia, passa-se para a próxima etapa: a pesquisa. Depois de sua conclusão, é fundamental a previsão de um momento para o debate ou para a apresentação dos dados obtidos pelos alunos e também para a última etapa, caracterizada pela criação de um “produto” final, um cartaz, livro ou uma revista, entre outras estratégias que permitam aos alunos a organização e a exibição pública dos dados e das conclusões obtidas.

Sugestões de atividades

Partindo das premissas teóricas e metodológicas apresentadas, sugerimos duas atividades a serem realizadas com os alunos do Ensino Fundamental. As atividades podem sofrer adaptações, de acordo com a realidade que se apresenta.

Atividade 1 – Linha do tempo

A construção da *linha do tempo* é um recurso que vem sendo utilizado há décadas pelos professores do ensino fundamental, sobretudo das séries iniciais, como estratégia de reconstrução das origens familiares dos alunos. Por meio de uma adaptação dessa estratégia, é possível ampliar sua abrangência, mantendo a proposta de construção de genealogias, mas utilizando-a como um instrumento de construção do conhecimento histórico.

Eixo temático: o mundo do trabalho

Essa escolha nos permite trabalhar com as alterações econômicas da sociedade brasileira, incluindo processos estreitamente relacionados, como a urbanização e a industrialização, os quais alte-

raram e continuam alterando as relações de trabalho e, consequentemente, as relações sociais de uma forma mais abrangente.

Objetivos

Com a elaboração da linha do tempo, levar os alunos a compreender as mudanças geradas no mundo do trabalho devido à interação de outros processos, como a industrialização e a urbanização, o que explica, por exemplo, em alguns casos, as profundas mudanças de perfis, de profissões de bisavós, avós e pais das crianças.

Ensinar os estudantes a ver e compreender as fotografias de outra forma, como documentos históricos que, inseridos em contextos diferentes, fornecem informações acerca de como era a vida no passado. Roupas, locais onde moravam, posições que adotavam nas fotografias, entre outros elementos, ajudam-nos a entender a teia de significados nas quais nossos antepassados se inseriam e explicam, parcialmente, as configurações atuais de nossas famílias.

Considerando o universo familiar, pretendemos que os alunos compreendam que as ações de seus antepassados estão inseridas em um contexto histórico, em uma teia de relações sujeitas às decisões individuais e a limitações e padrões de comportamento impostos pela sociedade brasileira, os quais também tinham reflexos nas transformações mundiais.

Nível dos alunos

A partir da 3ª série (atual 4º ano). Nessa faixa etária, os alunos são capazes de realizar exercícios comparativos de forma mais satisfatória.

Materiais

Fotografias de família (incluindo algumas da própria criança), cadernos, canetas, questionários para entrevistas, cartolinas para ela-

boração de cartazes, canetas hidrográficas, réguas e máquinas fotográficas (se possível).

Duração da atividade

O tempo a ser dedicado pode variar, pois depende das condições de cada turma e do calendário escolar. Entretanto, sugerimos a utilização de cerca de oito aulas (horas), distribuídas por algumas semanas, para que os alunos tenham tempo de realizar as atividades extraescolares relacionadas, sobretudo a pesquisa e a montagem da linha do tempo.

Primeira fase

Momento em que ocorre a preparação, a ser desenvolvida pelo professor. Este explica aos alunos os objetivos da pesquisa (traçar a linha do tempo de cada um, as profissões de pais e avós e suas relações com as mudanças que ocorreram no país), fornece o cronograma de atividades, materiais necessários e o que cada um terá de realizar no final do trabalho (linha do tempo elaborada com cartazes que serão expostos na escola ou sala de aula).

Além da exposição, como forma de estimular a participação, o professor deve deixar que os alunos expliquem onde farão as pesquisas de fotografias de família.

Como as imagens não falam por si, o professor deverá montar com os alunos um roteiro de perguntas para os familiares (pais, avós e bisavós) relativas as suas origens (se vieram de outras regiões do Brasil ou do mundo e os motivos que os levaram a essa mudança), profissões, como conheceram seus maridos e esposas, se o mundo mudou para pior ou para melhor (as razões disso) e, principalmente, o que estavam fazendo quando determinada fotografia foi tirada – para tanto, é necessário que cada estudante selecione primeiro as fotografias que achar mais curiosas.

Se possível (de acordo com a realidade material de cada comunidade), os alunos deverão tirar fotografias de seus familiares, da casa onde moram, da rua, de si mesmos, a fim de terem à disposição mais instrumentos de comparação entre passado e presente.

Para essa etapa, o professor pode utilizar duas aulas.

Segunda fase

Realização da pesquisa, o que inclui seleção de fotografias, criação de novas imagens e entrevistas (atividade extraescolar).

Terceira fase

Em sala de aula, as fotografias e entrevistas obtidas pelos alunos deverão ser apresentadas para todos. Cabe ao professor destacar as semelhanças e diferenças entre as origens e trajetórias de cada um. Por exemplo, em casos de crianças com avós que trabalhavam na agricultura e pais que atuam em outros setores, como na indústria, destacar as mudanças econômicas relacionadas, como o crescimento industrial, o aumento da população das cidades e a conseqüente urbanização, que provocou mudanças nos bairros. Nesse caso, é importante ressaltar que, em 50 anos, o Brasil passou de um país com uma população predominantemente rural para uma população que, hoje, em sua maior parte, se concentra nas cidades.

Em seguida, o professor pedirá para os alunos elaborarem suas respectivas linhas do tempo, as quais trarão as fotos coletadas e os textos explicativos oriundos das entrevistas e de outras fontes escritas. A linha deverá ser dividida em dois campos: família e sociedade. Para cada foto colocada em ordem cronológica, o aluno deverá descrever o que acontecia em seu bairro, em sua cidade, em seu estado e no Brasil, de modo a reforçar a percepção de que sua história familiar está inserida em uma teia maior de significados: a sociedade.

As fotografias podem ser um bom instrumento para estimular o exercício da comparação entre as imagens que retratam o passado e as que retratam o presente, estimulando nos alunos a percepção das mudanças históricas ocorridas em um período relativamente curto.

A elaboração da linha do tempo pode ser acompanhada ou antecedida da produção de um texto descritivo, contendo algumas das conclusões obtidas, atividade recomendada para as séries de maior faixa etária.

As produções dos alunos poderão ser exibidas em sala de aula ou em outro espaço da escola, ou mesmo constituir um possível elemento de exposição em uma feira cultural.

Para essa etapa, o professor pode reservar seis aulas, sem contar o tempo necessário para a exibição do que foi produzido pelos alunos.

Possíveis dificuldades

No desenvolvimento da atividade, diversas dificuldades podem surgir, como a impossibilidade de os alunos tirarem fotografias. Não desanime, esse é apenas um recurso a mais, cuja inexistência não compromete a realização da proposta.

É possível que, dada as condições materiais precárias de algumas famílias, entre outros problemas, o aluno não tenha fotografias suficientes para apresentar (se é que terá alguma). Caso isso ocorra, peça-lhe que faça as entrevistas. Se isso não puder ocorrer, solicite que o aluno desenhe (represente) sua família e as profissões de cada membro.

Estimule-o a participar do debate e permita que trabalhe em dupla, ainda que cada um tenha de produzir sua própria linha do tempo. Assim, o aluno não ficará excluído e participará da atividade, das aulas, do processo de aprendizagem. Para que isso seja possível na prática, é importante certo equilíbrio no que diz respeito à valoração: não é aconselhável pressionar os alunos com a pura e simples atribuição de notas; antes, deve-se destacar a importância da participação.

Atividade 2 – Mudanças na paisagem

As mudanças e permanências históricas deixam suas marcas na paisagem, que sofre constantes alterações por causa da ação humana, principalmente quando nos referimos às cidades e às áreas rurais produtivas, organizadas de acordo com as necessidades de abastecimento do sistema econômico. Para levar os alunos a compreender esses processos, também podemos utilizar fotografias.

Eixo temático: urbanização

O processo de urbanização é um bom eixo temático para trabalharmos com as mudanças e permanências. Nesse caso, podemos utilizar as fotografias: as cenas do passado podem apresentar elementos que sofreram alterações e outros, que permaneceram.

As fotografias de determinadas ruas de uma cidade, por exemplo, se comparadas com imagens atuais, podem revelar que, apesar das mudanças, alguns edifícios resistiram, “escapando” de serem demolidos.

Normalmente, quando muito antigas ou representativas, construções desse gênero passam a fazer parte do patrimônio histórico de uma sociedade e comunidade (no plano local).

A sobrevivência dessas edificações é garantida por sua utilização social, como é o caso de palacetes históricos convertidos em colégios, ou de prédios que, desde seu início, no século XIX, foram concebidos para serem escolas e continuam sendo hoje, no século XXI. E há, também, outras construções históricas que passaram a sediar órgãos públicos, museus e outras instituições de reconhecida função social.

Objetivos

- Levar os alunos a entender os fatores envolvidos no processo de urbanização com base nas fotografias, que registram as mudanças e permanências históricas da paisagem, sobretudo das cidades.

Ensinar os estudantes a ver e a compreender as fotografias como documentos históricos.

Nível dos alunos

Primeiro ano do Ensino Fundamental em diante. Nessa etapa, os alunos são capazes de entender, por meio de imagens, que determinado espaço era de outra forma.

Materiais

Fotografias, livros que relatem a história da cidade ou do bairro (os quais também podem trazer fotografias), questionários para entrevistas, cadernos, canetas, lápis, cartolinas para elaboração de cartazes, canetas hidrográficas, régua e máquinas fotográficas (se possível).

Duração da atividade

Pode variar de acordo com cada turma e calendário escolar. Entretanto, sugerimos a utilização de cerca de dez aulas (horas), distribuídas por algumas semanas, assim, os alunos terão tempo para realizar as tarefas extraescolares relacionadas (ver adiante).

Primeira fase

Preparação da atividade pelo professor, que antes precisa explicar o que é urbanização e como é que, por conta dela, a paisagem se altera. É necessário também que o professor escolha o local onde o trabalho será desenvolvido, de acordo com a sua realidade e a de seus alunos.

Em cidades de pequeno e médio porte, o ideal é que a atividade se concentre no centro histórico, local onde, normalmente, estão os edifícios mais antigos e as mudanças ao longo das décadas se fazem

mais presentes. No caso das grandes cidades, o ideal é que a atividade inicie no bairro onde fica a escola. Deve-se dar destaque para o centro desse bairro, local que tende a concentrar as principais construções, mudanças e permanências.

Cabe também ao professor explicar os objetivos da pesquisa – os fatores envolvidos na urbanização e como eles se refletem nas mudanças da paisagem – e os locais onde pesquisar – arquivos e bibliotecas municipais, igrejas locais, acervos de particulares, principalmente de moradores conhecidos, pessoas da comunidade que, eventualmente, podem ter fotografias. Entrevistas com parentes e moradores proeminentes também devem ser realizadas; para tanto, deve-se preparar um roteiro de questões. As perguntas podem ser do tipo: Em que ano o senhor veio para cá? Como era naquele tempo? O que mudou na rua (nome do local)/no bairro (nome do local)? A que o senhor atribui essas mudanças?

Além da exposição, o professor deve estimular os alunos a dizerem quais são as ruas, praças e outros locais que julgam ser importantes para a pesquisa e por que acham isso – normalmente, as explicações baseiam-se em relatos orais, apreendidos em família ou em outros grupos sociais, como a lembrança de uma rua onde o bonzinho passava e outros exemplos do gênero, dados que podem contribuir com a atividade.

Se for viável, os alunos deverão tirar fotografias de ruas ou lugares que compõem o centro da cidade ou o bairro, para que seja possível comparar as mudanças e permanências da paisagem.

Nessa etapa, o professor pode utilizar duas aulas. É interessante que a turma seja dividida em grupos e que cada um fique responsável por uma área (conjunto de ruas e praças); isso fará com que haja maior aprofundamento da pesquisa.

Segunda fase

De caráter extraescolar, essa fase refere-se à realização da pesquisa, o que inclui a seleção de fotografias, livros e outros docu-

mentos escritos, obtenção de novas fotografias de ruas e de outros lugares retratados em imagens antigas. Dessa forma, os alunos poderão comparar duas imagens de um mesmo local e detectar as mudanças e permanências. Nesse momento, também são realizadas as entrevistas.

Terceira fase

Visita a uma rua, praça ou qualquer outro lugar do centro do bairro ou da cidade como forma de vivenciar com os alunos as mudanças e permanências. Para tanto, o professor precisará dar uma aula expositiva preparatória e outra no local, chamando a atenção dos estudantes para os elementos relevantes. É importante que os alunos registrem a experiência por escrito.

Quarta fase

Após a apresentação, em sala de aula, dos dados obtidos pelos grupos, o professor deve reforçar as impressões das mudanças ou corrigir eventuais problemas de interpretação. As informações devem ser relacionadas a outros processos: industrialização, mudanças do perfil econômico da cidade ou do bairro (por exemplo, predominância de uma classe social, transformação do local em cidade-dormitório). Esses processos refletem-se na paisagem: o alargamento de ruas significa circulação de mais carros, a desativação de estações de trem significa o predomínio do transporte rodoviário ou a perda de importância de um município no cenário nacional e regional.

Depois do debate, os grupos poderão utilizar as imagens para confeccionar cartazes, sempre colocando a fotografia de um lugar que retrata o passado ao lado de uma que se refere ao “tempo presente” (a partir do momento que se torna um registro, a imagem faz parte do passado) e um texto explicativo sobre as mudanças e suas causas.

Nos anos com alunos de faixa etária mais elevada, o professor poderá optar pela criação de um texto por grupo (sempre usando fo-

tos comparativas, como no caso dos cartazes). Como cada grupo ficou responsável por uma área da cidade ou bairro, a união dos textos poderá resultar na organização de um livro ou de uma revista.

Cartazes, livros ou revistas poderão ser exibidos em feiras culturais da escola ou mesmo em centros comunitários. Essa é uma forma de contribuir para que os alunos se sensibilizem em relação à importância da História e se sintam valorizados na medida em que os trabalhos, provavelmente, serão comentados pela comunidade, que poderá se informar por meio do que foi produzido pelos estudantes. O aluno deve ser levado a compreender que a História, mesmo motivada por um estudo localizado, não perde de vista o fato de que as causas são processos mais amplos, com raízes e consequências nacionais e internacionais.

Nessa etapa, o professor pode utilizar seis aulas, sem contar o tempo necessário para que os alunos concluam suas produções (em casa) e as exibam.

Possíveis dificuldades

Dependendo da realidade de cada comunidade escolar, talvez não haja a possibilidade de os alunos tirarem suas próprias fotografias. Nesse caso, podem ser utilizadas fotografias publicadas em jornais da cidade ou do bairro.

Sinopse

Vimos que a utilização da fotografia enquanto documento histórico depende de sua contextualização, o que significa que a imagem “congelada” pelo “click” da câmera fotográfica precisa, para sua decifração, de informações escritas que nos permitem interpretá-las.

É preciso lembrar que há imagens fotográficas construídas, como as publicitárias, as quais, apesar de poderem ser usadas como documentos em pesquisas, geram maiores dificuldades para serem utili-

zadas no ensino, sobretudo nas séries iniciais, quando as crianças ainda não desenvolveram mecanismos mais sutis de análise.

Entretanto, se a importância do texto, das informações escritas que nos permitem dissecar uma imagem fotográfica, é imprescindível, a realização de uma pesquisa por parte dos alunos – o que deve incluir a coleta de fotografias, documentos textuais e dados por meio de entrevistas – se torna elemento chave no sucesso da realização de atividades educativas que envolvam o uso de fotografias no ensino de História, como forma de compreensão dos contextos que geraram aquelas imagens, das permanências e mudanças.

Além disso, o uso de fotografias no ensino também depende das questões que fazemos para elas, como ocorre quando os pesquisadores executam suas pesquisas historiográficas.

No caso do processo educativo, é necessário definirmos um eixo temático que nos forneça elementos suficientes para organizarmos nosso trabalho, constituindo questões cujas respostas poderão ser encontradas pelos alunos, os quais também deverão ser capazes de perceber as ligações do eixo escolhido com outros (trabalho, industrialização e urbanização, por exemplo).

Para ler mais sobre o tema

CIAVATTA, Maria. *O mundo do trabalho em imagens: a fotografia como fonte histórica* (Rio de Janeiro, 1900-1930). Rio de Janeiro: DP&A/Faperj, 2002. Por meio de fotografias e de outras fontes documentais, a autora analisa as alterações das relações trabalhistas na cidade do Rio de Janeiro do início do século passado, sacudida pela implantação das primeiras indústrias, pela crescente urbanização – o que incluiu reformas que geraram tumultos e revoltas, com desalojamento de grandes contingentes populacionais – e pelo surgimento de duas novas classes no cenário nacional: a burguesia industrial e o operariado.

KOSSOY, Boris. Fotografia e memória: reconstituição por meio da fotografia. In: SAMAIN, Etienne (Org.). *O fotográfico*. São Paulo: Hucitec/CNPq, 1998. O autor conceitua as fotografias como documentos históricos, mos-

trando que elas não podem ser consideradas testemunhos “automáticos” do passado, pois sua leitura ou interpretação depende da contextualização das condições e intenções que levaram seus autores a produzi-las, algo, por vezes, impossível, dada a ausência de fontes escritas. Destaca que as fotografias podem ser utilizadas para elaborar ficções e constituem fontes de informações para a reconstituição do passado, duas faces que coexistem na interpretação da imagem fotográfica.

MANGUEL, Alberto. *Lendo imagens*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. A obra se detém na análise de imagens fixas (pinturas, fotografias) e em movimento (cinematográficas e televisivas), suas diferenças e a importância fundamental das informações textuais nesses processos.

SALIBA, Elias Thomé. As imagens canônicas e o ensino de História. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene Rosa (Orgs.). *III Encontro Perspectivas do Ensino de História*. UFPR/Aos Quatro Ventos, Curitiba, 1999. Análise de como o ensino da História, assim como a pesquisa historiográfica, pode se valer do uso e da interpretação de imagens canônicas, que de tão conhecidas são compreendidas por todos. Em seu estudo o autor aborda, principalmente, as imagens em movimento (fílmicas), mas muitos de seus conceitos e conclusões podem ser utilizados para a compreensão das imagens fixas (fotográficas) consideradas documentos históricos.

Referências bibliográficas

- BARTHES, Roland. *A câmara clara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- CIAVATTA, Maria. *O mundo do trabalho em imagens: a fotografia como fonte histórica* (Rio de Janeiro, 1900-1930). Rio de Janeiro: DP&A/Faperj, 2002.
- DUBOIS, Phillippe. *O ato fotográfico*. Campinas: Papirus, 1998.
- KOSSOY, Boris. Fotografia e memória: reconstituição por meio da fotografia. In: LEITE, Miriam Moreira. *Retratos de família*. São Paulo: Edusp, 1993.
- MANGUEL, Alberto. *Lendo imagens*. Trad. Rubens Figueiredo, Rosaura Eichemberg e Claudia Strauck. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- MICELI, Sérgio. *Imagens negociadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SALIBA, Elias Thomé. As imagens canônicas e o ensino de História. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene Rosa (Orgs.). *III Encontro Perspectivas do Ensino de História*. UFPR/Aos Quatro Ventos, Curitiba: 1999.

SAMAIN, Etienne (org.). *O fotográfico*. São Paulo: Hucitec/CNPq, 1998.

SONTAG, Susan. *Ensaio sobre fotografia*. Trad. Rubens Figueiredo. Rio de Janeiro: Arbor, 1981.

CAPÍTULO 10

O cinema no ensino de História

Questão para reflexão

Os filmes, à semelhança do que ocorre com o conhecimento histórico, são produzidos com base em processos de pluralização de sentidos ou verdades. Apesar das particularidades e especificidades de cada um – dos filmes e do conhecimento histórico –, incluindo seus métodos de trabalho, ambos são construções mentais que precisam ser pensadas e trabalhadas intensamente.

Nesse sentido, as obras cinematográficas são construções carregadas de significados, construídos a partir da seleção dos elementos que irão compor as imagens e o som que as acompanham e, depois, na articulação entre os diferentes conjuntos de imagens a partir da edição e montagem dos filmes.

Se a pesquisa historiográfica parte da formulação de questões ou problemas, cujas respostas são produzidas com base em hipóteses construídas por meio da adoção de certos procedimentos metodológicos, mais adequados ao objeto em estudo, fica evidente que a produção do conhecimento histórico também depende de escolhas. Portanto, não se trata de criar verdades absolutas, mas interpretações ou respostas, as quais são resultado do contexto histórico em que são formuladas.